

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 563

Data: 13.05.75 Pg.: \_\_\_\_\_

# Ismarth ouvirá apelos dos índios

Da Sucursal e do correspondente

O presidente da Fundação Nacional do Índio, General Ismarth de Araújo Oliveira, irá quinta-feira à Colônia Indígena de Dourados, em Mato Grosso, ouvir os índios terenas, caiuiás e guaranis, que denunciam os trabalhadores da construtora Nosde por molestá-los frequentemente. A viagem do pre-

sidente da Funai, acompanhado por vários diretores de Departamento da Fundação, servirá para uma tomada de consciência sobre os problemas dos índios na região, cujas terras também são invadidas por grileiros. O padre Antonio Iasi tem denunciado as irregularidades à Funai e, segundo se informou, o parca Daniel Matsuo, que já representou o Brasil num congresso indígena realizado no

Paraguai, ameaça reunir os 2.500 índios das tribos para responder às investidas dos operários da construtora. Na Colônia Indígena de Dourados, nosso correspondente em Curitiba, Oscar Ramos Gaspar, encontrou índios "prensados" entre duas cidades e dezenas de fazendas". São, talvez, as tribos que mais sofrem as consequências de contatos indiscriminados com os brancos.

## Na colônia, a decadência de três tribos abandonadas

Sem nenhum controle por parte da Funai, a Colônia Indígena de Dourados — 3.166 hectares — transformouse de uns anos para cá num abrigo ideal para vários que vivem da exploração dos índios. Ramão Machado da Silva, índio terena, de 29 anos, que foi escolhido para ser o capitão da Colônia, diz, desapontado, que a grande maioria de seus companheiros são alcoólatras. "Sabendo disso, muitos brancos trazem cachaça para as aldeias a fim de embriagar os chefes de família e corromper suas filhas". Afirma que já houve dezenas de casos desse genero, mas até agora nenhuma providencia foi tomada e que mais de 300 paraguaios infiltraram-se na Colônia nos últimos anos e vivem ali como se fossem índios.

Ramão Machado da Silva afirma que o índio quando bebe fica valente e "só tem vontade de brigar". Como não tem condições de controlar a entrada de bebidas alcoólicas na Colônia — existem dezenas de pequenas vendas nas proximidades, Ramão criou uma patrulha que percorre os três núcleos da colônia, "tomando armas e acalmando os companheiros".

Preparando-se agora para fazer o exame supletivo do segundo grau e admitido que já foi "alcoólatra inveterado" como a maioria de seus companheiros, o chefe, expressando-se num bom português, conta que a arma de fogo exerce verdadeiro fascínio sobre o índio. "E, por isso, o primeiro dinheiro que o índio pega é para comprar um revólver". Exibindo dois "Taurus 38", tomados recentemente pela patrulha, Ramão diz que dezenas deles já foram enviados à Delegacia Regional da Funai em Campo Grande. Ele diz que os índios mais moços saem para trabalhar nas fazendas vizinhas e quando voltam trazem sempre uma ou duas armas.

No início de dezembro, o índio Leopoldo Gonçalves, de 21 anos, estava embriagado no centro da cidade de Dourados e assassinou um homem descolado a facadas. Ele e os irmãos Sebastião e Bernardo também índios, passaram cinco meses presos na cadeia pública daquela cidade, esquecidos pela Funai. Agora, eles estão na colônia, recolhidos à improvisada cadeia da sede do Posto da Funai, oferecendo aos visitantes pequenos objetos de artesanato, que aprenderam a fazer na cadeia.

### HUMILHADOS PELOS BRANCOS

O "capitão" Ramão Machado da Silva afirma que os desentendimentos que têm surgido entre seus companheiros e os brancos da região são provocados por humilhações impostas aos índios. "Somos chamados a todo instante de bugres preguiçosos, pés rachados e paus-d'água". E desabafa: "Sei que somos bugres, mas eles usam esse termo para nos humilhar. Nem todos nós somos alcoólatras ou preguiçosos". Sua principal queixa é contra os trabalhadores da Nosde Engenharia, que está pavimentando a rodovia Dourados — Itaporã e passa pela divisa do território da Colônia. Segundo Ramão, os trabalhadores fa-

zem todo tipo de provocação aos índios. Há alguns dias, numa das vendas da margem da estrada houve uma luta corporal em que se envolveram mais de 10 índios e brancos. O capitão advertiu o gerente da empresa que se as provocações continuarem, os índios interditarão a estrada, paralisando as obras.

### BRIGAS INTERNAS

Se existem os problemas de relacionamento com o branco, a coexistência das famílias guarani, terena e caiuiá também não é totalmente amistosa. Os caiuiás são os mais arredios e quando, no ano passado, a Funai entregou ao capitão o trator para trabalhar na lavoura de todos os índios, os caiuiás protestaram dizendo que a Funai estava protegendo as outras tribos esquecendo deles. Há um mês, caiuiás invadiram a casa do guarani Marçal de Souza, e destruíram tudo, obrigando-o a mudar-se para a cidade. Marçal de Souza, que é considerado o índio mais culto da região, mas muito "falador" — quando o ministro Rangel Reis visitou Colônia no ano passado ele fez um discurso apontando os erros da Funai e a marginalização do índio aculturado — está desaparecido há mais de 15 dias.

### "ÍNDIO QUER TRABALHAR"

Ramão Machado da Silva diz que seus companheiros vêm demonstrando maior interesse pela agricultura e hoje "mais de 20 famílias já não plantam só para comer, mas para vender". Como responsável pelo trator e os implementos que a Funai doou à colônia ele trabalha nas lavouras de todos os índios, cobrando uma pequena taxa "para manutenção da máquina e criação de um fundo

para que, quando esta ficar velha, a gente possa comprar outra".

Ramão orienta seus companheiros para que trabalhem a sua terra, "mas muitos ainda preferem ir trabalhar nas fazendas, onde o dinheiro é mais imediato, embora pouco". Na colônia já existem quase 200 hectares cultivados, que podem ser mecanizadas, e apenas um trator não suporta todo o trabalho. O índio Inocencio Ribeiro da Silva, de 75 anos, mas aparentando 50, diz que até hoje seu trator tem sido a enxada, mas assim mesmo cultiva milho, arroz e feijão e lamenta que seus filhos e genros preferiram trabalhar fora, gastando o dinheiro "com cachaça e mulher".

### MISSÃO CAIUIA

Instalada numa chacara de 24 hectares, ao lado da colônia, a Missão Evangelica Caiuiá vem prestando assistência médica e social aos índios há 46 anos. Os atuais responsáveis pela Missão, pastor Orlando Bonfim e sua esposa Loide Bonfim, estão ali há 36 anos, mantendo um hospital para tuberculosos, com 74 leitos, além de olarias, oficinas, escolas e quadras de esportes para os índios.

Assistente social e cursando o último ano de Direito, dona Loide Bonfim já participou, como representante de Mato Grosso e Goiás na Associação Interamericana de Mulheres, de diversos congressos internacionais sobre o índio e sempre defendeu a tese de que a integração efetiva do índio na sociedade não passa de utopia. "O que pode haver — afirma ela — é uma maior participação do silvícola na vida comunitária, mas verdadeira integração nunca".